

Rui Fidalgo

NÃO MORRE
quem ama assim

MEMÓRIAS



FICÇÃO · MEMÓRIAS

Índice

Prefácio, de Graça Morais	7
Antes do mais	13
O dia em que o senhor Lopes levou os netos a verem o mar...	17
Não morre quem ama assim	39
Adelaide, a banqueira do povo	49
Ó Marcelino, andas a alumiar a candeia das vizinhas e deixas a tua às escuras	61
O avô, a vinha do avô e os ursos dos netos	67
A tia Madre	73
A lagareta	79
Um amor desmedido	89
Verões de água quente	97
De Bragança a Lisboa são dez horas de viagem . . .	107
Os rapazes do prédio do elevador	115
Um urso na varanda	121
A fechar	129

Prefácio

Hoje, dia 8 de Março, recebi uma fotografia enviada pelo meu irmão Paulo de uma árvore de fruto do meu quintal vestida de flores brancas, com o chão coberto de ervas macias e luminosas.

A natureza em Trás-os-Montes segue obediente o ritmo das estações do ano, indiferente ao caos e às guerras que trazem tanto sofrimento em vários países deste planeta.

Pede-me Rui Fidalgo algumas palavras de introdução ao seu livro *Não Morre Quem Ama Assim*.

Li e reli este livro que, como diz o autor, é uma «colcha de memórias» que o liga à família pelos afectos e ao lugar onde nasceu. Este livro, também me trouxe muitas

recordações da minha infância ligadas às visitas de férias à família Morais, de Freixiel.

A evocação que o Rui faz dos avós, da mãe, do pai, da tia Fernanda e de outros membros da família revela bem a ligação afectiva que fortalece o carácter de um jovem, marcando-lhe para sempre a identidade.

As histórias que conta sobre o papel dos avós são cheias de amor e também de muito humor.

Nestas histórias, recordei a sua mãe, Adelaide, mulher muito inteligente, luminosa e generosa, e o seu pai, um homem doce e gentil que, nas minhas visitas recentes à aldeia, costumava encontrar perto de casa, nos seus passeios, acompanhado de uma cuidadora.

Deixo aos leitores a descoberta deste mundo tão rico e variado, mas, ao mesmo tempo, tão ingénuo e tão simples.

Gostava de referir a cena da estação de caminhos-de-ferro de Abreiro onde teve origem a viagem iniciática com o seu avô António Lopes, que dizia: «Está na hora de os rapazes verem o mar.»

Nessa estação, havia uma balança de ferro enorme onde se pesavam malas, sacos, cestas de fruta e as crianças, as quais, maravilhadas, ouviam do chefe da estação a frase: «Ainda estão abaixo do peso permitido, têm direito a bilhete de cão.»

Também gostei de ler sobre a birra que o Rui fez numa residencial no Porto, onde se recusou a comer o peixe e queria antes o seu prato favorito, que era batatas cozidas com azeite, comidas à mão.

Também eu, em criança, adorava descascar à mão as batatas cozidas, temperá-las com azeite e acompanhá-las com um ovo cozido: eram um manjar dos anjos!

A importância de guardar a memória de uma infância vivida intensamente numa aldeia do interior transmontano revela bem o que é a beleza, a magia e o mistério da vida.

A verdadeira comunidade é feita de amor e de amizade: «Não morre quem ama assim.»

Graça Morais, 2026



NÃO MORRE
quem ama assim



Antes do mais

Este livro é uma colcha de memórias. Não segue cronologias rígidas nem pretensões literárias: são pequenas histórias, algumas quase sussurradas, outras contadas com o ímpeto de quem quer libertar o coração. E o que une estas narrativas é aquilo que me define: a minha família, as pessoas de que gosto, e os afectos que resistem ao tempo.

Cresci numa aldeia encaixada num vale rodeado de montanhas, cenário simples e profundo, onde dois ramos familiares tão distintos se entrelaçaram e deram forma ao que sou.

Mas este livro é também, e sobretudo, um tributo.

À minha mãe, que partiu sem que eu tivesse compreendido, até então, o vazio que a sua ausência cavaria em mim. Foi ela a presença mais luminosa, a inteligência mais silenciosamente eficaz que conheci. Solidária, generosa, prática, estratega. Nunca se deixava diminuir – respondia com elegância e firmeza. Tudo nela era força e cuidado.

Ao meu pai, que resiste. De aparência tranquila, mas com a alma em sobressalto. Guarda em si os sinais da sua própria intranquilidade, como quem vive em desacordo com o destino que lhe coube. Soube aceitar, na medida do possível, ter ao seu lado uma mulher de inteligência superior, e talvez por isso mesmo, soube gerir com dignidade as questões do ego masculino.

Gosta de caçar e dos seus cães – o último dos seus vícios, o mais fiel dos seus companheiros. É presença firme, discreta, mas essencial. E, por isso mesmo, ensinou-nos a resistir.

À minha tia Fernanda, presença permanente na minha vida, desde sempre. Foi colo

e suporte ao longo de todo o percurso. E mais não digo, porque não existem palavras que bastem.

E é, sobretudo, um gesto de amor à minha muito amada mulher, Ana, que soube compreender não apenas a terra e o contexto onde fui criado, mas o modo como fui moldado por ela. Reconheceu as virtudes da minha mãe e elevou esses princípios na gestão da sua própria família. Com ela, o amor tornou-se continuidade. Com as nossas filhas, tornou-se permanência.

Por fim, há um tom de provocação, talvez de retaliação, dirigido ao meu irmão. A quem reconheço inteligência maior herdada da nossa mãe e capacidades de escrita de excepção, mas que ainda teima em se refugiar num lirismo poético íntimo, quando já poderia ter tocado tantos outros com a sua palavra se se atrevesse e aceitasse cumprir o seu destino. Ele sabe. E espero que este livro o provoque, o incomode, o desafie... a cumprir o destino que o espera.